

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

MARIA ALDEÍDE RODRIGUES BEZERRA

**LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA:
CONTRIBUIÇÕES À CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

CAJAZEIRAS-PB

2005

didática História

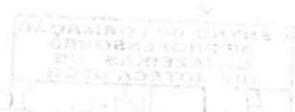
MARIA ALDEÍDE RODRIGUES BEZERRA

**LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA:
CONTRIBUIÇÕES À CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Teoria e Metodologia da História oferecido pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em História, na área de Teoria e Metodologia do Ensino de História

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Margarida Maria Dias de Oliveira

Co-orientador: Prof. Ms. Rovilson José Bueno.



CAJAZEIRAS-PB

2005

Rovilson José Bueno



B5741 Bezerra, Maria Aldeide Rodrigues.
Livro didático de História: contribuições à construção do conhecimento / Maria Aldeide Rodrigues Bezerra. - Cajazeiras, 2005.
55p.

Não disponível em CD.
Monografia(Especialização em Teoria e Metodologia de História)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores,2005.
Contém Bibliografia.

1. Didática. 2. Ensino de história. 3. Livro didático - ensino de história. 4. Ensino Fundamental - escolas públicas. 5. Construção do conhecimento. I. Oliveira, Margarida Maria Dias de. II. Bueno, Rovilson José. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título

CDU 37.02

MARIA ALDEÍDE RODRIGUES BEZERRA

**LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA:
CONTRIBUIÇÕES À CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Monografia aprovada em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em História, pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras, na área de Teoria e Metodologia do Ensino de História.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Margarida Maria Dias de Oliveira - UFRN
Orientadora

Prof. Ms. Rovilson José Bueno – UFCG
Co-orientador

À Heli Almeida, pelo seu amor,
companheirismo e paciência de partilhar
comigo os percalços dessa trajetória.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me guiou por este longo caminho, que me enviou anjos visíveis e invisíveis para me encorajar neste trabalho.

Ao professor co-orientador e amigo Rovilson pelas valiosas discussões científicas e incentivo, se fez verdadeiramente colaborador deste trabalho.

A professora Adriana da Silva Monteiro que na sua ausência deixou muitas saudades, por seus ensinamentos e sobretudo pelo apoio nas atividades exigidas no início do curso.

Aos colegas da Especialização que partilharam comigo das angústias e conquistas.

À minha mãe Francisca e meu irmão Eliezer, que me incentivaram nos momentos de fraqueza e dúvida.

À amiga Fátima Figueiredo, pelo apoio e crença na minha capacidade de trabalho.

Aos professores de História de 5^a a 8^a séries e diretores das escolas investigadas, pela disponibilidade em fornecer informações imprescindíveis para a realização deste trabalho.

A professora Josefa Elionita, pela atenciosa revisão do português.

A todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para a realização deste trabalho e especialmente a professora Margarida, pela orientação criteriosa e carinhosa, pela dedicação e estímulo.

Não basta saber, é preferível saber
aplicar. Não é bastante querer, é preciso
querer.

Goethe

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade analisar a utilização do Livro Didático de História no processo de Construção do conhecimento no âmbito das Escolas Públicas de Ensino Fundamental em Cajazeiras, Paraíba. Procura-se dar ênfase à compreensão acerca da concepção de História no cotidiano escolar que permeia a prática pedagógica e a relação entre o referido ensino e o processo de construção da cidadania. O universo da pesquisa é formado por quatro professores da segunda metade do Ensino Fundamental. Foram utilizadas como estratégias (de busca de informações), as entrevistas na modalidade estruturada e a consulta às atividades que visam dirigir a prática pedagógica escolar: o livro didático adotado, alguns planos de ensino dos professores e quando possível, algumas atividades desenvolvidas em sala-de-aula pelos alunos. As técnicas de Análise de Conteúdo definidas por Laurence Bardin direcionaram a interpretação das entrevistas, cujos temas deram origem ao processo reflexivo, com base nos fundamentos das novas tendências historiográficas, numa abordagem que privilegia o aspecto qualitativo. A partir deste estudo, constatou-se que a construção do conhecimento histórico escolar vinculado ao Livro Didático indicado pelas Escolas Públicas faz parte de um contexto, cuja prática pedagógica está atrelada a condicionantes sociais, políticas e culturais, constituindo-se em espaço de formação da cidadania, tendo como referência a identidade social do aluno. Como resultado da pesquisa, o argumento consiste em expressar através de um princípio metodológico que parte do local para se entender o geral, dimensionando uma perspectiva interdisciplinar, à medida que concebe o Livro Didático, como um espaço de produção cultural ao se utilizar de temas para desenvolver o espírito criativo numa leitura contextualizada do cotidiano em que o aluno está inserido, constituindo-se em novas perspectivas para o Ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Livro Didático. Construção do Conhecimento.

ABSTRACT

The recent study has the aim to show the utilization of the History didact book through the process of knowledge construction that covered a wide area in "Escolas Públicas de Ensino Fundamental" in Cajazeiras, Paraíba, Brazil. It has emphasized the importance of the level of comprehension on the History conception that connects the pedagogic practice to the relationship between the teaching process and the formation of the citizenship during the school's daily life. The research sources consisted of four History teachers, considering from 5th grade to 8th grade from highschool. The strategies has taken stock of (search of information), structured interview and also consultation; centred on the class experience that enable us to indicated didactic book, teaching plans and activities performed by the students. Laurence Bardin's techniques defines the analysis of content directing an interpretation of the activities, brought whose themes has tout the out origin of the thinking process, based on the backgrounds of the new historiographical trends, which give us approach an that support the qualitative aspect. Starting from this view, we remark that the knowledge construction connected to the indicated History didact book in "Escolas Públicas de Ensino Fundamental" that takes part in a context that the pedagogic practice has been tied to social, political and cultural conditionants, in this way forming a space for citizenship, that makes possible a reference to the social identity of the student as his own reference. As a result of the survey, the argument consists on expressing through a methodological principle that has developed from a local area in which we comprehend the general one, so as to ext end to an interdisciplinary perspective kept in the utilization of the indicated didact book, so long as this conception can briny out a cultural production, when interesting themes are presented by a creative thinking, in a contextualized reading throng the daily life's student, that shows the ability to create a new perspective in History teaching.

Key-words: History teaching. Didact book. Knowledge construction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – Perspectivas do Ensino de História	14
CAPÍTULO II – Aspectos Teórico-metodológicos do Livro Didático de História na Construção do Conhecimento Escolar	25
CAPÍTULO III – A Trajetória Metodológica	37
3.1 O Livro Didático de História na Prática Pedagógica dos Professores ----	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	55
ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA REALIZADA COM OS PROFESSORES	56

INTRODUÇÃO

Os motivos que determinam a concretização de um trabalho acadêmico definem-se, a partir de circunstâncias e interesses influenciados por quem o produz. A idéia de desenvolver este estudo, no nível de Especialização em História, tem origem na vivência ao longo de nossa história de vida e atuação profissional, além da preocupação em aprofundarmos, no espaço da reflexão acadêmica, um tema cuja relevância tem se tornado, progressivamente, objeto central nas preocupações de professores e pesquisadores que atuam nos mais diversos níveis de ensino: o Livro Didático de História.

Sempre visto como o principal recurso didático utilizado por professores e alunos nas mais variadas condições da prática pedagógica, cuja influência marcante no processo histórico e cultural se expressa nos textos e ilustrações que apresenta, é na metodologia de ensino e nas sugestões de atividades que os Livros Didáticos de História tornam-se referência e objeto de análise de propostas curriculares.

Nesse sentido, o papel que o Livro Didático de História desempenha na vida escolar define-se como um veículo difusor de elementos culturais e da formação da cidadania, quando aliado ao ensino, permite que os professores ao se utilizarem dos procedimentos específicos para a construção do conhecimento histórico, tomem consciência de que o educação escolar, no caso o da História, ocorre a partir da própria experiência do educando, da sua construção do conhecimento.

De qualquer forma, o tom de destaque dado por setores da educação, no âmbito das escolas sobre o Livro Didático de História tem ressonância, ao refletirmos sobre sua presença na sala de aula, a maneira como ele é usado, quais recursos oferece aos professores e alunos e como os livros destinados às escolas públicas

incorporam as novas tendências historiográficas. Todo esse enfoque em torno do livro didático como recurso na prática pedagógica torna pertinentes algumas questões, acerca do sentido que lhe é dado nas escolas e sob que perspectiva esse ensino é realizado.

Tais questões foram acompanhadas ao longo do tempo, levando-nos a direcionar o olhar para o ensino da História nas séries fundamentais e como ele acontece na escola, onde os alunos enquanto sujeitos, que se configuram na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e as pessoais, são os verdadeiros construtores da História.

Com efeito, o sentido que o professor dá ao livro didático indicado no ensino de História, a concepção de História veiculada pelo livro, os temas abordados e o enfoque dado às questões sócio-culturais constituem-se em indagações a serem investigadas. Daí questionarmos: que conhecimento histórico está sendo construído a partir da utilização do Livro Didático? Que procedimentos metodológicos são utilizados pelos professores na realização do processo ensino-aprendizagem? Como os conteúdos e atividades apresentados pelo livro didático contribuem para a formação da cidadania?

Com essas indagações, iniciamos a investigação acadêmica desse processo, com o objetivo de analisá-lo em circunstância voltada, especificamente, para o ensino de História no contexto da prática pedagógica das Escolas de Ensino Fundamental, atentando-se para a compreensão desse ensino, na perspectiva historiográfica contemporânea do processo de produção/reprodução do conhecimento. Este é o desafio da pesquisa, o de contribuir para a discussão acerca do Livro Didático de História como recurso metodológico capaz de proporcionar ao professor os procedimentos necessários para o processo de construção do

conhecimento histórico escolar, uma vez que cada conteúdo abordado tem sua peculiaridade metodológica apropriada para compreendê-lo. Para isso, na tentativa de obtermos algumas dimensões da realidade investigada, objetiva-se:

- compreender a presença do Livro Didático de História no processo de construção do conhecimento no âmbito da prática pedagógica da escola de Ensino Fundamental;
- refletir sobre as concepções de História veiculadas pelo Livro Didático no processo de ensino-aprendizagem;
- identificar a postura dos professores diante dos procedimentos metodológicos sugeridos pelo livro didático indicado pela escola para o processo de construção do conhecimento;
- analisar a importância do Livro Didático de História no cotidiano escolar.

As reflexões aqui realizadas indicam que este é um campo de estudo que tem sido alvo de interesse por parte dos docentes envolvidos com a questão do ensino de História. Tal interesse de contribuir com os professores de História na busca de um ensino de qualidade, que proporcione ao aluno uma aprendizagem mais prazerosa e conseqüente por intermédio dos conteúdos e atividades apresentadas pelo Livro Didático de História, deu origem à pesquisa que ora apresentamos. Em termos de exposição, a monografia está organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo expomos a trajetória do ensino de História ao longo do tempo, no Brasil e, sobretudo, suas múltiplas faces, privilegiando os processos de construção de procedimentos metodológicos para sua inserção no cotidiano escolar, a perspectiva do Ensino de História hoje, sua concepção dentro dos pressupostos metodológicos da Nova Historiografia, seus limites, as relações entre as propostas

de ensino e as implicações políticas e ideológicas. Situamos a História Contemporânea, entendida em seu processo de construção, como a síntese do estudo no contexto dessas novas tendências, enquanto possibilidade de rompimento com os pressupostos tradicionais para se repensar a História no Ensino Fundamental.

Apresentamos, ainda, nesse capítulo, as discussões historiográficas que incorporam as inovações do Ensino de História provenientes da Nova Historiografia, na qual apontamos a necessidade de sua análise para o processo de construção da cidadania, sobretudo ao buscar na História Oral, na História Local, na História Narrativa os segmentos que favorecem o reconhecimento de um ensino que permite ao educando o contato com as mais diversas fontes de informações históricas.

A relação entre o Livro Didático e o ensino de História é discutido no segundo capítulo, onde são apresentados os aspectos relevantes para a construção do conhecimento escolar, sua importância no processo ensino-aprendizagem, sistematizado através do Livro Didático, enquanto recurso metodológico da prática pedagógica.

Ainda no segundo capítulo, procedemos com a reflexão dos aspectos teórico-metodológicos apresentados pelo Livro didático de História na apreensão do conhecimento histórico, conclamando os professores a se utilizarem das atividades, chamadas estratégias, por meio das quais os alunos são levados a perceber todos os meandros da construção do conhecimento histórico, instados a envolverem-se nas problemáticas comuns ao presente e ao passado estudados, e encorajados a assumir atitudes que os levem ao posicionamento como cidadão.

No terceiro capítulo, empreendemos a análise das informações propriamente dita. Optamos por dividi-lo em duas partes: constitui-se a primeira

parte, da trajetória metodológica, indicando o universo de estudo que abrange a pesquisa, considerando-se a problematização que se originou sobre o Livro Didático enquanto objeto de investigação científica. Citamos os percalços da caminhada, bem como os desafios que emergiram para realizarmos uma análise criteriosa que nos apontasse as propostas, os fundamentos da prática de ensino de História que se adequassem aos novos tempos.

Apresentamos ainda, nessa primeira parte, a descrição das estratégias de coleta de dados, do universo da pesquisa, da análise das informações. Na segunda parte deste capítulo, procuramos fazer uma análise do discurso dos professores acerca da concepção do ensino de História, focalizando a relevância atribuída ao Livro Didático no cotidiano escolar. Analisamos ainda, a dimensão das formas de utilização do Livro Didático de História nas escolas públicas, bem como os depoimentos dos professores envolvidos quanto ao desenvolvimento das atividades sugeridas no livro que contribuem para a compreensão das informações extra-classe oriundas da vida cotidiana dos sujeitos da aprendizagem.

As conclusões possíveis são apresentadas nas considerações finais. A presente pesquisa não tem a pretensão de apresentar suas conclusões como definitivas, nem de ter esgotado uma reflexão que está apenas dando continuidade a um tema tão discutido. Novos estudos são imprescindíveis, para dar continuidade e o aprofundamento que o tema requer.

CAPÍTULO I

Perspectivas do Ensino de História

Pensar o Ensino de História na sua historicidade significa buscar uma compreensão sobre o que significa, hoje, ensinar História enquanto campo do conhecimento que mudou com o tempo, conforme o debate científico de uma forma geral e com as ciências humanas, em particular.

A História ensinada nas escolas não correspondeu, necessariamente, à História, campo do conhecimento, mesmo porque, durante muito tempo, da Idade Média ao século XIX, parte dela confundiu-se com a História Sagrada, isto é, com a História Bíblica, que era ensinada nas escolas onde a influência de igrejas cristãs era significativa.

No século XVIII, as preocupações ilustradas com a educação levaram a que vários conteúdos fossem introduzidos no elenco das matérias escolares, no contexto do reformismo inspirado pelo Iluminismo, que na intenção de explicar a origem das nações, seria cada vez menos a História Sagrada e cada vez mais a História da Humanidade. Associadas às concepções universalistas dos iluministas, ela se constituiu na França revolucionária, em instrumento de referência para a reflexão sobre as civilizações e sobre o progresso da humanidade.

A organização dos sistemas de ensino público variou conforme as conjunturas nacionais, mas pode-se dizer que, em comum, havia a preocupação com o fortalecimento das identidades nacionais, momento em que a História, enquanto campo do conhecimento, começou a apresentar maior sistematização em termos de investigação e de seus métodos, procurando o equilíbrio entre as

dimensões erudita e filosófica.

Assim, ao constituir-se como disciplina escolar, a História ocupando posição central no conjunto das disciplinas escolares, deveria apresentar às crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria. Estes foram os objetivos da historiografia comprometida com o Estado e sua produção alcançava os bancos das escolas por meio dos programas oficiais e dos livros didáticos, elaborados sob estreito controle dos detentores do poder. Esse sistema prevaleceu na Europa e também na América, onde os países recém-emancipados necessitavam da construção de um passado comum e onde os grupos que lideravam os processos de independência lutavam por sua legitimação.

Porém, ao longo do século XIX, a questão do método dizia respeito não apenas à investigação histórica propriamente dita – à objetividade, às técnicas, à crítica documental – mas também ao Ensino de História nas escolas primárias e secundárias, que deveriam obedecer a procedimentos específicos, como a adequação da linguagem, à definição de prioridade em termos de conteúdos, à utilização de imagens úteis à compreensão da História da nação.

No entanto, em análises da produção historiográfica sobre o Ensino de História no Brasil, observa-se, basicamente, a predominância das mesmas tendências ocorridas em outros países, quando dados comprovam a ênfase para questões ligadas ao cotidiano da sala de aula, ou seja, às questões referentes às práticas pedagógicas, mais precisamente, à análise de metodologias de ensino, programas curriculares ou de livros didáticos.

As mudanças curriculares ocorridas no Brasil a partir da década de 1980, criaram a necessidade de materiais condizentes com os novos programas e, evidentemente, tal situação foi aproveitada por importantes editoras do país e

muitas coleções destinadas ao Ensino Fundamental sobretudo de 5ª a 8ª séries – foram apresentadas aos professores e alunos. Exemplos bastante conhecidos são os trabalhos ***Construindo a História*** e ***Os Caminhos do Homem***, ambos de Ademar Marques, Flávio Berutti e Ricardo Faria.

O primeiro foi produzido, especialmente, para acompanhar o programa de Minas Gerais, considerado por muitos, como uma síntese das expectativas de um ensino de História democrático e participativo, e que reflita o momento político vivido naquele momento. O segundo surgiu como uma nova versão, adaptada para o consumo mais amplo, em várias regiões do Brasil. Em outros casos, autores da linha mais tradicional, que publicavam livros há muitos anos, tentaram acompanhar as novas tendências, promovendo a reestruturação em suas obras, adaptando-as às novas propostas, agora também novas necessidades do mercado. Exemplo disso foram os livros que passaram a ter uma linguagem mais “materialista”, um enfoque que acentuava os fatores econômicos sem, no entanto, abandonar suas inspirações historiográficas tradicionais e suas metodologias baseadas em resumos, questionários, sinopses cronológicas, etc. Entre esses casos de adaptação de obras tradicionais podem-se mencionar a coleção ***História e Consciência***, de Gilberto Cotrim e ***História do Homem***, de Francisco de Assis Silva.

Se num primeiro momento a nova história a ser ensinada nas escolas apoiava-se teoricamente no materialismo histórico – e o momento político favoreceu, sem dúvida, essa escolha – logo no final dos anos 1980 e 1990 a historiografia brasileira experimentava um acelerado e significativo processo de renovação, expondo cada vez mais nitidamente a chamada “Nova História”, particularmente a tendência de origem francesa.

É importante destacar que a qualidade do ensino de História ministrado

nas escolas, estaria diretamente relacionada à capacidade desse componente curricular em levar para o Ensino Fundamental as discussões historiográficas mais recentes em curso no Brasil. Isso tornou desejável, a partir de meados da década de 1990, que os programas curriculares e os livros didáticos incorporassem as tendências da historiografia contemporânea, como foi o caso da história das mentalidades e da história do cotidiano, ainda hoje predominantes quando se fala em inovação no ensino de História.

Rapidamente a história das mentalidades e a história do cotidiano, tornaram-se sinônimos de inovação no ensino, e, em função delas, estava à disposição do professor um elenco considerável de publicações didáticas e paradidáticas que se apresentavam como vinculadas àquelas tendências. Coleções paradidáticas como *O Cotidiano da História* ou didáticas como *História – Cotidiano e Mentalidades*, de Ricardo Dreguer significavam, num primeiro momento, a experiência num campo ainda inexplorado no Ensino Fundamental. Com o tempo, na medida que o debate se aprofundou, isso passou a significar mudança de paradigmas no Ensino de História. Como também, houve um boom editorial na área, combinando às novas políticas educacionais sobretudo no que toca à criação do *Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)*, que procedeu à primeira avaliação dos livros didáticos em 1996 e do sistema de compras de livros, pelos governos federal e estadual, para distribuição nas escolas públicas.

Essa renovação da produção historiográfica desmistificou a história dos preconceitos de um saber histórico que estudava as classes dominantes como produtoras de fatos relevantes e conduziu a percepção de processos históricos diferentes, simultâneos, esclarecendo que as classes dominadas produziram tantos vestígios quanto as documentações existentes nos registros dos vencedores.

Nessa perspectiva, a historiografia contemporânea recorreu à análise de conceitos e técnicas que a história-conhecimento construiu a partir do real, e como tal, compreende e recupera o movimento, a contradição que está presente na determinação do sujeito, enquanto agente transformador da história.

Portanto, a partir da produção historiográfica brasileira dos anos de 1990, percebemos que na maioria das propostas curriculares, o Ensino de História visa a contribuir para a formação de um “cidadão crítico”, em que o aluno adquire uma postura crítica em relação à sociedade em que vive. As introduções dos textos oficiais reiteram, com insistência, que o Ensino de História, ao estudar as sociedades passadas, tem como objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e perceber-se como agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática.

Tais metas, a “formação do pensamento crítico”, a formação de “posturas críticas dos alunos” ou ainda “estudar o passado para compreender e transformar o presente” não é objetivo novo, diante do papel exigido para as sociedades em transformação que exigem atuações criativas para manutenção de estágios de desenvolvimento tecnológico, exigências de uma sociedade industrial urbanizada. A inovação que ocorre quanto aos objetivos é a ênfase atual do papel do Ensino de História para a compreensão do sentir-se sujeito histórico e em sua contribuição para a formação de um cidadão crítico.

Uma expectativa decorre deste aspecto enfático da relação entre Ensino de História e seu papel formativo de uma cidadania crítica, ou seja, qualitativamente espera-se que seu ensino seja capaz de promover uma contribuição relevante à formação de um cidadão específico.

É importante destacar os objetivos do Ensino de História para a

compreensão do sujeito histórico, enquanto cidadão crítico, no nível fundamental, ao concordar com o historiador André Segal, quando chama a atenção para o papel do Ensino de História como sendo aqueles que tem competência contribuir para a formação do indivíduo comum, que enfrenta um cotidiano contraditório de violência, desemprego, greves, congestionamentos, que recebe informações simultâneas de acontecimentos internacionais, que deve escolher seus representantes para ocupar os vários cargos da política institucionalizada. Este indivíduo que vive o presente, pelo Ensino de História, deverá ter condições de refletir sobre tais acontecimentos, localizá-los em um tempo conjuntural e estrutural, estabelecer relações entre os diversos fatos de ordem política, econômica e cultural, de maneira que a partir da história-conhecimento, construída a partir dessas concepções, possa compreender e recuperar o movimento, a contradição que está presente na múltipla determinação do seu papel de sujeito, enquanto agente transformador da História.

Ao pensar o Ensino de História no período contemporâneo, dentro de uma perspectiva historiográfica, a Nova História abriu campos importantes, pelos quais o contemporâneo passou a ser pensado. Em alguns casos, suas perspectivas metodológicas e objetos inovadores foram matizados por uma História Social de influência marxista ou pela psicanálise. Como decorrência, o Ensino da História, seja em direção às mentalidades, quando às vezes utilizada nos livros didáticos dentro de uma conceituação rigorosa, sendo confundida com o estudo dos fatos diversos, seja em direção a História da Vida Privada e Cotidiana, como aconteceu com o novo olhar sobre a sociedade burguesa dos oitocentos, vem sendo analisada por inúmeros livros e pesquisas, gerando novos conteúdos escolares.

No contexto pedagógico, a História Contemporânea, tendo em vista estar mais próxima do cotidiano do aluno, tem sido valorizada como ponte para o estudo

do passado mais remoto, não descartando a possibilidade de que o Ensino de História enfrenta o risco de voltar-se para um certo presentismo subjetivista e cometeu um dos (ou todos) os **três pecados capitais** da explicação histórica: o anacronismo (cobrar dos agentes do passado valores que são contemporâneos nossos), o voluntarismo teórico (aplicar teorias e sistemas ideológicos a priori para explicar o passado, desconsiderando processos específicos e concretos) e o descritivismo nominalista (um risco muito comum ao estudo enviesado da História do Cotidiano que consiste em supervalorizar o anedótico e factual).

Em meio à proposta da atual política educacional, a abordagem subjetiva e espontaneísta tem, em alguns casos, comprometido o conhecimento crítico do aluno em vez de aprimorá-lo, ao se privilegiar os saberes dos alunos construídos ao longo da produção de sua existência, e não produzindo um diálogo dele com o que o professor ensina, ocasionando muitos equívocos. Dentre eles, o de não exigir do aluno um patamar mínimo de conhecimento ou supervalorizar opiniões arbitrárias e pouco articuladas, em nome de uma pretensa subjetividade ou liberdade opinativa em sala de aula.

Diante do desafio para o Ensino de História quanto à Nova História, destacada como uma das correntes historiográficas predominantes na atualidade, há historiadores que apontam a necessidade de sua adoção na Educação Básica, a exemplo de Ferro (1989, p. 122), quando diz:

Quando a comissão Girault Legoff considerou necessário para a análise histórica o conhecimento do passado da nação e estimou que sua inteligibilidade tinha como condição necessária, senão suficiente, o estudo cronológico, um certo numero de professores, animados por uma pedagogia inovadora, bradaram indignados: estava se voltando à "história dos avós". Ora, não é nada disso; e eles teriam percebido o engano se simplesmente tivessem lido uma única obra de Legoff de Girault.

Posto dessa maneira, faz-se necessário consultarmos o próprio Legoff, que discute a questão à volta da chamada história-narrativa.

[...] Seja como for, se é desejável que o espírito da nova história possa se encontrar no ensino e na divulgação, é preciso adaptá-lo a seus destinatários não especializados e carentes de conhecimento. Um mal entendido particularmente surpreendente produziu-se no domínio da cronologia, onde a introdução das novas concepções do tempo e da duração em história levou, às vezes, uma quase liquidação da cronologia, ao passo que esta continua sendo um conjunto de referências que sem dúvida deve ser enriquecido, flexibilizado, modernizado, mas que permanece fundamental para o próprio historiador, para os jovens e para o grande público (LEGOFF, 1993, p. 6-7).

Essas colocações nos fazem acrescentar os efeitos mais imediatos sobre o ensino, da adoção de pelo menos, um dos contributos mais recorrentes da Nova História: a revisão historiográfica que acabou por trazer à cena atores e temas ignorados pelas correntes anteriores, rotuladas, até certo ponto com alguma impropriedade, de “tradicionais” ou, pior ainda, “oficiais”. Os novos atores e temas constituíram, dentre outros, o importante campo dos excluídos dos benefícios sociais e das decisões da sociedade que, com certeza, merecem os espaços que conquistaram na historiografia. E tem sido muito importante a incorporação deles pelos diferentes níveis de ensino.

Dentro da perspectiva de reaproximação dos saberes passados, necessários ao entendimento do presente e à construção do futuro, a historiografia contemporânea brasileira tem dirigido olhares transdisciplinares para recontar, reconstruir, restabelecer a ordem natural do tempo.

A partir da constatação de discutir em sala de aula questões presentes no cotidiano escolar, podemos também admitir que, nos últimos anos, houve considerável diversificação e um sensível ressurgimento do interesse por temas que eram marginais às preocupações de leigos que passaram a ser iniciados em

História, embora tais temas fossem negligenciados. A História da Humanidade como o relato dos feitos, das conquistas, das guerras, das revoluções, das invenções, das experiências do homem individual ou em grupo, que se sucedem pela ordem natural do tempo e se configuram como passado, presente e futuro na sua forma mais primitiva, ao longo dos tempos, tem sido resgatada pela oralidade.

Porém, nos dias atuais um número considerável de historiadores vê na narrativa, a possibilidade de (re) escrita da história vista de baixo, que não faz parte dos grandes tratados históricos, porque se reporta à vida dos homens, do povo, desprovidos de títulos nobres, que tiveram a sua história sepultada no tempo. A História Oral surge, então, como possibilidade metodológica para registrar a história de pessoas comuns, o que não impede que outras histórias sejam trabalhadas (a história dos “grandes heróis”).

Pode-se sugerir que um dos elementos dessas mudanças reflete o notável alargamento do campo da história nos últimos vinte anos, caracterizado pela ascensão da “história social”, esse recipiente amorfo para tudo, desde mudança no físico humano até o símbolo e o ritual, e sobretudo para as vidas de todas as pessoas, de mendigos e imperadores (STONE, 1991, p. 203).

Sob esse prisma é que enxergamos a narrativa como possibilidade de percorrer as dimensões do tempo, sempre postas em relação aos fatos históricos sob as mais diversas experiências humanas, e vimos que o esquecimento forçado da história dos vencidos nos tratados históricos, nestes novos dias é quebrado ao proclamarmos o fim do silêncio, a quebra do sono dos anônimos, dos “sem-história”.

Na análise da contribuição da Nova História para repensar a História no Ensino Fundamental, os projetos de educação orientados pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica (1997), sugerem a adoção do Ensino de História, a partir da realidade histórica, social e cultural do educando. É, portanto, a

construção da identidade do indivíduo enquanto sujeito social que objetiva esse novo projeto de Ensino de História.

Os ensinamentos de história possuem objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o Ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais (BRASIL, 1997, p. 32).

Essa noção de História no Ensino Fundamental favorece ao aluno o contato com as mais variadas fontes de informações, o conhecimento e a análise do fato histórico. E, pelo modelo investigativo, a Nova História no Ensino Fundamental possibilita ao aluno perceber que a História é um processo que, enquanto produto inacabado não se esgota em textos fragmentados, vinculado aos livros que obedecem ao “discurso oficial” da História.

No Brasil, rotulado de “país sem memória”, assistimos à emergência dos movimentos sociais, populares, protagonizados pela mobilização de trabalhadores, mulheres, negros, índios, homossexuais, etc, que até hoje, reivindicam para si o exercício dos direitos de cidadania e a participação política no processo decisório nacional.

Nesse sentido, a História Oral no Ensino Fundamental tem um papel indispensável nesse processo, ao privilegiar o exercício e a formação da cidadania, e trabalhar também na sala de aula, o conhecimento e a valorização do nosso patrimônio cultural, sem esquecer que a História guarda uma memória heterogênea de conflitos e contradições sociais.

Mas, diante dos conteúdos que são seguidos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) que sugerem avanços, mudanças significativas no âmbito do Ensino Fundamental, o Ensino de História deve discutir os problemas fundamentais que hoje (e sempre), parecem ausentes da Escola. São os problemas que emergem da

compreensão do processo histórico que se faz pelo passado público, pelas práticas culturais, pela vivência cotidiana e que, como tal, nos exortam a enveredarmos pelo campo da história local. E a partir da História Local, com a utilização das mais variadas formas de materiais e linguagens, é que os PCNs sugerem em um trabalho na perspectiva interdisciplinar, embora tenhamos nas escolas diversos problemas que exigem formas complexas de abordagem que são imperceptíveis esbarram em nossas limitações na construção de uma educação qualidade.

No caso da História Oral, em que a ação humana ultrapassa os limites do que está escrito nos manuais, reconhecemos que o educando, enquanto sujeito histórico, é protagonista da construção de sua cidadania. É por isso que Bittencourt (2002, p. 20) declara que:

[...] o ensino de história deve contribuir para libertar o indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos, para que possa entender que a cidadania não se constitui em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtido em lutas constantes e em suas diversas dimensões.

Assim, diante da necessidade de um Ensino de História na Educação Básica (Ensino Fundamental) que possibilite ao educando a compreensão do processo histórico que se faz pelo passado, pelas práticas culturais, pela vivência cotidiana e como tal, coexiste entre o imaginário que se faz verdade pela ordem dos discursos, é que a História resgata a experiência de novos sujeitos; e diante do contato com outras fontes não reconhecidas pelos documentos oficiais, a Nova História permite que o Ensino de História esteja mais próximo de uma compreensão “mais palpável” do passado que deixou de ser escrito e reconstituía a História como possibilidade de entender os acontecimentos e fatos, a partir das impressões de quem os viveram.

CAPÍTULO II

Aspectos Teórico-metodológicos do Livro Didático de História na Construção do Conhecimento Escolar

O processo de construção do conhecimento é o grande desafio que o professor enfrenta ao preparar suas aulas e ao desenvolvê-las com os seus alunos. Nesse ponto, é necessário concordar com Circe Bittencourt (2002, p. 71), quando afirma que “o interesse que o livro didático tem despertado e as discussões que provoca em encontros e debates acadêmicos demonstra que ele é um objeto de múltiplas facetas”. Portador de uma cultura veiculada nos textos e ilustrações que privilegiam os conhecimentos considerados fundamentais de uma sociedade em determinada época, o livro didático de História enquanto instrumento pedagógico se constitui no recurso mais freqüente e amplamente utilizado no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Não é sem razão que o livro didático tem estado presente como tema de estudo no Brasil. Privilegiado quanto às metodologias de ensino, as sugestões referentes à avaliação na construção de projetos de pesquisa que contemplam desde a sua distribuição nas Escolas até a análise de propostas curriculares, o livro didático, de História desde o século XIX, tem sido de fato responsável pela permanência de discursos fundadores da nacionalidade, o que tornou fundamental a discussão em torno de sua dimensão como lugar de memória e como formador de identidades, evidenciando saberes políticos e historiográficos no Ensino de História.

Do ponto de vista historiográfico, o livro didático de História no Ensino Fundamental atualmente apresenta diversos recursos pedagógicos como gravuras,

fotos, imagens, mapas e sugestões bibliográficas incorporadas aos conteúdos que propiciam a aplicação do conhecimento do educando, além de estimular a participação no conjunto das aulas, os anseios, as frustrações e sonhos que no cotidiano de cada um, no presente e no passado, busca reconstruir o conhecimento histórico.

Questões como a História das mentalidades e a História do Cotidiano são refletidas a partir de diversas ilustrações trazidas nos livros didáticos que intercaladas em textos, demonstram a importância desse recurso na cultura histórica escolar do Ensino Fundamental.

Dessa forma é que Nelson e Claudino Piletti no Livro História & Vida Integrada, 6ª série, p. 140, ao apresentarem o texto que trata dos papéis históricos das famílias nos engenhos de açúcar, buscam reconstruir nas relações de produção a formação social, veiculada por uma sociedade continuamente improvisada no processo de tensões e conflitos que compõem a organização das relações sociais, o sistema de dominação e de estrutura de poder. Ao trazer a cena típica do interior de uma casa na colônia portuguesa com imagens de crianças escravas sendo alimentadas com restos da comida dos senhores e de outro lado, uma nobre que vive na cidade sendo rodeada por pessoas elegantes esbanjando fartura, leva-nos a perceber que a explicação global dos fatos humanos centrada nos mecanismos que asseguram a exploração de uns homens sobre os outros, é que traduzida veementemente nas relações econômicas, políticas, culturais, nas tradições, nos sistemas de valores, nas idéias e formas institucionais.

Pensar a história dessa forma faz com que o professor ao se utilizar do livro didático no Ensino Fundamental volte-se para o estudo do cotidiano e incorpore novas linguagens ao campo dos interesses de seus alunos.

Nos livros didáticos de História repensar do seu Ensino voltado para uma análise mais crítica, dinâmica e participativa da sociedade brasileira, foi ampliado a partir de uma metodologia de ensino, que naturalmente exige novas posturas dos professores, em relação à concepção de História. Incorporar à História tensões sociais de cada dia implica a reconstrução da organização de sobrevivência de grupos marginalizados, da mesma forma que a música, a pintura, a charge, a TV, a fotografia, o cinema estão carregados de propostas, questionamentos, tensões, acomodações, que se manifestam através das relações humanas.

Associados a essa perspectiva, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, os livros didáticos de História no Ensino Fundamental foram influenciados pela chamada “Nova História”, particularmente de origem francesa, momento esse, que não havendo obrigatoriedade do uso dos programas oficiais, as tendências da historiografia contemporânea, como a história das mentalidades e a história do cotidiano foram sendo incorporadas aos conteúdos, o que acabou por expandir a demanda por um ensino que não privilegiasse os fatos políticos singulares nem tão pouco os grandes nomes e a cronologia linear e que também não tivesse como alicerce uma análise essencialmente econômica do processo histórico.

Sendo o livro didático de História no Ensino Fundamental um instrumento pedagógico, ele é portador de textos que auxiliam ou podem auxiliar, o domínio de leitura ampliando informações, veiculando e divulgando, com uma linguagem mais acessível o saber científico. Possibilita igualmente, a articulação de outras linguagens além da escrita, que podem proporcionar ao educando uma maior autonomia frente ao conhecimento histórico escolar. Por seu intermédio, o professor terá condições de, a partir do conteúdo programático da disciplina História tornar o conhecimento explícito e dessa forma, ter condições de auxiliar o aluno na construção de conceitos básicos do

saber produzido pelos métodos e pelo rigor científico.

Nessa linha de raciocínio, o professor é quem mais conhece as circunstâncias espaço-temporais em que trabalha. É o principal responsável pela realização de procedimentos de ensino, embora ao se considerar a dimensão das formas de consumo do livro didático de História, cabe a este enquanto documento, a análise dentro dos pressupostos de investigação histórica e portanto, objeto produzido em um determinado momento e sujeito de uma história da vida escolar. Nesse sentido, cabe ao professor a tarefa de se utilizar de uma metodologia que possibilite ao aluno a leitura e interpretação dos textos e fazer com que ele compreenda o sentido histórico como experiência vivida integral e socialmente.

Na prática o livro didático de História tem sido apoio da maioria dos professores no que se refere ao ensino do conteúdo e, freqüentemente, utilizado no processo ensino-aprendizagem no Brasil. Faz-se necessário enfatizar a opinião dos professores sobre sua apreciação e as críticas referentes aos livros adotados pelas Escolas Públicas. Eles são unânimes em afirmarem que os criticam em sala de aula, seja pelos aspectos específicos, seja em sua avaliação global.

Embora sejam freqüentes as críticas aos métodos de ensino através do livro, não tivemos conhecimento de textos que condenem o seu uso. Cada uma dessas críticas aponta para a necessidade de aprimoramento ou modificação do livro, mas não se refere à necessidade de sua abolição. (OLIVEIRA, 1984, p. 25).

Conforme opinião dos professores do Ensino Fundamental sobre o livro didático de História, há evidências de que ele se encontra caracterizado como um recurso pedagógico de importância para o aluno na apreensão do conhecimento histórico escolar, por se constituir na principal fonte de estudo de alunos e professores da Escola Pública.

O fato de querer trazer para a sala de aula toda experiência humana

entendida sempre como experiência das relações sociais através do uso dos conteúdos abordados pelos livros didáticos de História, incorporando à História tensões sociais de cada dia, implica situar a História como campo de possibilidades em que a experiência humana por ser contraditória, não tem um sentido único, homogêneo, linear, nem um único significado. Dessa forma, o professor faz com que o Ensino de História por meio da utilização do livro didático possibilite ao aluno a construção de uma História-Conhecimento, e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, implica resgatar a experiência vivida por sujeitos ativos que problematizam sua própria existência, colocada pelos agentes do passado, a partir das questões que o presente coloca ao educando.

Ao se pensar o Ensino de História no Ensino Fundamental com essa preocupação, abandona-se a idéia de que a História apresentada nos livros didáticos de História se utiliza, com freqüência, de conceitos anacrônicos, ou seja, conceitos que não podem ser aplicados no mesmo sentido, nas diferentes épocas históricas em que estão inseridos, a exemplo de conceitos como "burguesia", que não se aplica, nem tem a mesma compreensão, se inserido no contexto do século XIV ou século XV, ou no final do tempo medieval. Veja-se por exemplo, no mesmo livro citado por Claudino e Nelson Pilleli ao se estudar a "Centralização do Poder nas Monarquias Européias", no final da Idade Média, conceito de "burguesia" refere-se a uma classe social que detém somente o poder econômico, e submetido à nobreza, mas, ao aliar-se ao rei, ganha importância por contribuir com o dinheiro para favorecê-lo com medidas políticas na expansão comercial, tornando-se mais tarde o grupo social de maior poder político e, sobretudo, econômico.

Ao mostrar a coexistência de tempos históricos diferenciados e desse modo utilizar-se de conceitos adequados aos fatos, definindo-os com clareza e

coerência, o professor de História ao se utilizar do livro didático enquanto recurso, desconstrói a noção de uma História linear, progressiva e evolutiva, portanto, contribui para conscientizar o aluno a perceber que os fatos mudam muito mais rapidamente do que os conceitos, e que a História enquanto experiência humana, enquanto conhecimento e vivência, permite-se que seja construída a partir de inúmeras possibilidades.

Faz-se necessário enfatizar o papel do ensino de História no Ensino Fundamental, tal que, tendo o livro didático, como recurso, auxilie o professor a contribuir para conscientizar o aluno a partir dos conteúdos programáticos, a sentir-se sujeito histórico, e contribua para a “formação de um cidadão crítico”, que enfrenta um cotidiano contraditório de interesses políticos, econômicos, culturais, ideológicos, etc. Pensar o ensino dessa forma faz com que o professor, no caso de História, se volte para o cotidiano e incorpore novas linguagens a partir da experiência do educando, da sua construção do conhecimento adquirido no cotidiano extra-escolar de forma intrinsecamente educativa, porque:

No exercício cotidiano da sua profissão, o professor de História tem que ter em conta não só o aluno, tal como ele é, com suas aptidões, a sua experiência, e os seus interesses, como também a História, tal como se faz [...]. (ALLARD; LEFEBVRE, 1976, p. 15).

Definindo esses princípios, e partindo da noção de que o educando enquanto sujeito histórico é produtor de seu próprio conhecimento histórico, o professor deve adotar os procedimentos específicos como a adequação de linguagem, a definição de prioridades em termos dos conteúdos sugeridos nos livros didáticos que se constituem, como foi enfatizado, em fatores importantes na construção do conhecimento escolar. Enquanto recurso pedagógico na produção do conhecimento histórico, o livro didático de História no Ensino Fundamental configura-

se como um instrumento que permite a transposição da cultura oral para a cultura escrita a partir de sua utilização em sala de aula.

É na escola que as noções históricas básicas são construídas para o entendimento da relação que se estabelece entre o tempo vivido e o tempo histórico. Assim, o aluno ao se utilizar do livro didático de História perceberá que os conteúdos que lhe são apresentados sob os diversos temas, tais como a história das crianças, dos velhos, dos negros, das mulheres... a sua história local faz parte de uma história nacional, pela inserção das experiências de pessoas comuns no cenário histórico dos grandes heróis.

Sob esse prisma, concebemos o educando, enquanto sujeito histórico, cuja ação e compreensão das realidades são a construção da cidadania, a condição para entender a história local, que se baseia na análise estabelecida entre o passado e o presente, entre um acontecimento local e a história geral que é vista nos livros didáticos.

Nessa perspectiva de inserir a história local como parâmetro para entender a historiografia contemporânea enquanto processo de constituição de sujeitos sociais, a partir das experiências de vida local, é que nos reportamos aos conteúdos dos livros didáticos adotados pelas Escolas Públicas. Ou seja, o professor deve articular a história vivida pelo aluno aos conteúdos apresentados nos livros didáticos, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado.

Sabendo que cenas cotidianas como as festas, batuques, procissões,

conversações ocorridas nas ruas, os diferentes estilos arquitetônicos das cidades, dos bairros, das ruas, as condições de vida dos lugares, os mitos, as crenças, a arte, constituem-se no contexto histórico para compreendermos a importância do estudo da história local.

Baseada nessa visão de que a vivência cotidiana, enquanto constitutiva de uma história local é presente e fundamental para a produção do conhecimento histórico, é que se impõe o desafio ao reconhecimento, de uma história que possibilite ao educando a compreensão dos processos históricos que se faz em busca da memória coletiva. Uma história na qual possa se incorporar os conteúdos propostos nos livros didáticos do Ensino Fundamental as concepções do mundo do aluno e dos professores que foram construídas pelas práticas culturais, pelo passado público, pela vivência cotidiana e que, como tal, possibilita significativas transformações sociais. É a partir dos elementos constitutivos da nossa identidade, que exaltamos a importância do estudo da História Local como parte integrante do currículo dos primeiros e segundos ciclos do Ensino Fundamental.

Por outro lado, a temática da memória e de sua materialização através dos livros didáticos de História no Ensino Fundamental tem encontrado respaldo na releitura de acontecimentos vividos pelo aluno, na preservação do passado, passado esse que pode questionar, modificar a compreensão do presente pela ordem do discurso, e que por sua vez pode também modificar a compreensão do passado.

Nesse emaranhado de acontecimentos que se apóiam no retorno às experiências vividas pelo aluno, a que denominamos sujeito do conhecimento, o ato de materializar os vestígios da memória pela narrativa dos acontecimentos ausentes, adquire respaldo ao encontrarmos hoje nos textos de livros didáticos de História, a história que por muito tempo esteve ausente dos grandes tratados

históricos; como por exemplo, o lugar e o papel que negros, índios, mulheres, velhos, crianças dentre outros, têm na sociedade contemporânea.

Por isso, ao se estudar os fatos passados apresentados no livro didático de História, é necessário que o professor esclareça a seus alunos que os fatos históricos de qualquer natureza têm uma compreensão difundida pela condição de estarem sujeitos às mais variadas interpretações à luz do presente reduzindo-os aos conhecimentos familiares de seu tempo. Com isso, deixa-se claro que no Ensino Fundamental, o estudo da História que é apresentada nos livros didáticos e a compreensão que se deve ter ao se considerarem as sociedades passadas ou as sociedades atuais, exige necessário uso de um conjunto de conceitos para que não se corra o risco de deturpar o conceito de História. Na verdade, o objetivo do conhecimento histórico apresentado nos livros didáticos é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desenvolvimento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços.

Por tudo isso, convém lembrar o que Bezerra (2003, p. 43) afirma: “[...] passado humano não é uma agregação de ações separadas, mas um conjunto de comportamentos intimamente interligados, que têm uma razão de ser, ainda que na maioria das vezes imperceptível para nossos olhos”.

Valendo-se dessas considerações é preciso esclarecer que o professor ao se utilizar do livro didático de História no Ensino Fundamental tenha claro o quê e como ensinar, já que o passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente. Portanto, as aulas de História no Ensino Fundamental tendo como recurso metodológico o livro didático, poderão alcançar bons resultados se o professor conseguir estabelecer um duplo compromisso com o passado e o presente.

Compromisso com o presente significa tornar como referência temas que

são abordados nos livros didáticos de História em que as questões sociais e culturais, assim como problemáticas humanas que fazem parte do cotidiano do aluno. Seja como por exemplo, desigualdades sociais, raciais, sexuais, diferenças culturais, problemas materiais e inquietações relacionadas a como interpretar o mundo, lidar com a morte, organizar a sociedade, estabelecer limites sociais, mudar esses limites, contestar a ordem, consolidar instituições, preservar tradições presente.

Compromisso com o passado por meio do livro didático de História significa levar o aluno a pesquisar com seriedade, baseado nos fatos históricos que são enfatizados nos conteúdos programáticos de História, não distorcer o acontecido, não confundir interpretação de fatos com invenções uma vez que todo fato ou evento, importa para análise e interpretação da dinâmica do tempo. É pela noção de temporalidade, que a História na Educação Fundamental se faz compreensível.

Por isso, ao se utilizar dos textos dos livros didáticos de História no Ensino Fundamental, é necessário que o professor contribua para que o aluno perceba-se como um ser social que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social. Ele precisa saber que é um homem de seu tempo, dentro das limitações que lhe são determinadas, uma vez que o objetivo primeiro do conhecimento histórico através da utilização do livro didático no Ensino Fundamental é a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços.

Entretanto, as novas propostas teórico-metodológicas, assentadas no cotidiano, na história local e nos lugares da memória têm desenvolvido maior espírito

crítico no ensino, provavelmente oportunizado, em parte, pelos livros didáticos de História destinados ao Ensino Fundamental.

É muito discutível se a História apresentada nos livros didáticos do Ensino Fundamental é realmente uma ciência. Mas isso não altera a validade e a seriedade que seu estudo requer ao se viabilizar o ensino da História. Os livros didáticos de História no Ensino Fundamental, de alguma maneira, são conclamados a apresentar uma História crítica. Mas o que podemos entender de um livro didático que apresenta uma História Crítica? Nós julgamos o que é importante, e quando se estuda a História no Ensino Fundamental, há sempre uma tentação em se trazer o passado para o presente e em sobrepor o presente ao passado. Enfim, é muito fácil escorregarmos nas conclusões principalmente por distorções de conceitos.

Muitas vezes, o professor transporta conceitos atuais para épocas em que os alunos não se adaptam. Isto significa que a veracidade fica comprometida e se torna apenas uma questão de interpretação.

Assim como o presente é muito real para nós, o passado também era real para quem o vivia como presente. Os nossos antepassados viveram sua própria História como nós vivemos a nossa e o futuro viverá a sua. Daí as razões que justificam a possibilidade de o livro didático no Ensino Fundamental apresentar uma História crítica.

Partindo do ponto de que cada geração tenta reescrever a História, e isso nos leva a infalível verdade: a interpretação depende do ponto de vista; também se torna viável entender quando um livro didático de História no Ensino Fundamental apresenta conteúdo que possibilitem ao aluno a existência de uma análise crítica. Conforme Santos (2002, p. 23), "a análise crítica do que existe assenta no pressuposto de que a existência não esgota as possibilidades da existência e que, portanto, há alternativas susceptíveis de superar o que é criticável no que existe".

Dessa possibilidade de análise crítica nos conteúdos programáticos do livro didático é que se atesta a importância das lembranças para a reescrita e releitura da história.

Apesar das diversas opiniões sobre a possibilidade do livro didático no Ensino Fundamental apresentar uma História Crítica, devemos enfatizar que quando o aluno faz a análise das sociedades passadas ou das sociedades atuais, encontram muitas dificuldades na tentativa de estudá-las nesse novo enfoque histórico.

Em primeiro lugar, a teoria crítica moderna concebe a sociedade como uma totalidade, e como tal, propõe uma alternativa total à sociedade que existe. Esta ligação, entre passado e presente, é um dos aspectos mais difíceis da História, o que requer um grande número de conceitos.

O segundo desafio assenta no pressuposto de que o conhecimento é válido independente das condições que o tornaram possível. Por isso, a sua aplicação independe igualmente de todas as condições que não sejam necessárias para garantir a operacionalidade técnica de aplicação. Isso requer que seja disponibilizado ao aluno o contato com as mais variadas fontes de informações, que possibilitem o conhecimento e análise do fato histórico.

Diante do que expressamos, a partir da dimensão da Nova História, sob o ponto de vista metodológico e de alguns aspectos dos conteúdos dos livros didáticos que apresenta uma História crítica é que se o aluno afirma que percebe que a História deve ser a compreensão das revoluções e mudanças que se processam e interferem na vida de pessoas comuns. Também alicerçados nas experiências de professores do Ensino Fundamental, anseia-se por um ensino de História em que os livros didáticos apresentem conteúdos que possibilitem ao educando um conhecimento histórico crítico e criativo.

CAPÍTULO III

A Trajetória Metodológica

O estudo acerca do Ensino de História, no âmbito das escolas do Ensino Fundamental, busca compreender a relação entre este ensino e o processo de produção do conhecimento escolar mediado pelo Livro Didático de História, atentando-se desse modo, para as perspectivas historiográficas contemporâneas do processo de construção do conhecimento.

O presente estudo abrange, enquanto universo de pesquisa, os professores de história que lecionam nas turmas da segunda metade Ensino Fundamental, das escolas públicas dos Sistemas Estadual e Municipal na cidade de Cajazeiras, na Paraíba, num total de 03 professores (as) de escolas estaduais e 01 professora da escola do município que oferecem o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries. A seleção das turmas deu-se em consequência de a temática Livro Didático de História ser objeto de nossas inquietações sobre sua utilização como recurso didático a partir das novas exigências de um ensino de História pautado no cotidiano do aluno, na experiência de vida.

Consideramos como problema para o presente estudo o seguinte: como os professores de algumas escolas públicas que criticam o livro didático adotado, alegando pobreza de conteúdos, conciliam a necessidade de seu uso, como também afirmam, como essa crítica?

A partir dessa questão central, busquei desvelar outras:

- como o livro está sendo usado no processo ensino-aprendizagem?
- que perspectiva de história está sendo veiculada pelo livro didático?

- que conhecimento e competência estão sendo construídos a partir da utilização do livro didático de História?
- de que procedimentos básicos metodológicos os professores se utilizam para a realização do processo ensino-aprendizagem?
- como os conteúdos e atividades apresentadas pelo livro didático contribuem na formação da cidadania?

Com base nessas indagações, optei por desenvolver a pesquisa a partir do conhecimento prévio do contexto histórico escolar em que o livro didático se constitui alvo principal da problematização, o que me proporcionou desenvolver uma investigação qualitativa, tendo como fonte de informações a sala de aula de História.

O critério de privilegiar as escolas públicas, levou em consideração a facilidade de acesso e por disporem do livro para alunos e professores, como referência na construção do conhecimento histórico escolar. Inicialmente, havia a intenção de incluir um número maior de escolas, porém, considerando-se a inexistência de livros para todas as escolas, que variam pelas condições de médio e pequeno porte, decidimos contemplar neste estudo, as escolas que dispõem desse recurso para a construção do conhecimento histórico, e os professores que dispuseram a conceder entrevistas sobre a temática em estudo.

Na tentativa de desenvolver a temática e, embasando-nos na leitura dos autores com os quais mantivemos contato no decorrer do estudo, formulamos as questões que conduziram à busca dos elementos que permitissem compreender a importância do Livro Didático de História na construção do conhecimento histórico escolar. Delineamos a coleta de informações, elegendo como instrumento a entrevista estruturada dirigida aos professores que conduzem a prática pedagógica escolar.

O primeiro momento consistiu na busca de contatos, o que constituiu em

interações valiosas para o trabalho. Iniciamos pela visita às Escolas Estaduais e municipais, contactando os professores para apresentarmos a intenção de proceder a esta investigação. Esses contatos ocorreram sem dificuldades, sem constrangimentos, uma vez que os professores mostraram-se receptivos e dispostos a participarem da pesquisa. O fato de a maioria conhecer a pesquisadora parece ter facilitado os contatos e a autorização para realizar o trabalho.

O segundo momento consistiu no retorno às escolas com a intenção de agendar data com cada professor para a realização das entrevistas. Na fase de coleta de dados, contamos com a decisão dos professores em participarem da pesquisa, em assistir às aulas e, em seguida, transcrever a entrevista, autorizando sua utilização no meio científico.

Foi assegurado o anonimato na divulgação. Assim, neste estudo, identificamos a fala dos professores entrevistados por Entrevista n°.01, Entrevista n°.02, e assim por diante. A maioria das entrevistas ocorreu na própria escola, sendo algumas na sala de aula e com duração de, em média, uma hora.

Além da entrevista, tivemos acesso às atividades desenvolvidas na sala-de-aula, ao livro didático adotado, a alguns planos de ensino dos professores e, quando possível, a algumas atividades escritas dos alunos.

Optamos por trabalhar com entrevista na modalidade estruturada, em virtude de esta apresentar objetividade, de modo que, a partir de um roteiro prévio de questões (anexo), tematizando essencialmente sobre o sentido que é dado a utilização do Livro Didático de História no Ensino Fundamental. Essa temática é sistematizada em três núcleos norteadores: a concepção de história hoje; presença das tendências historiográficas no contexto do Livro Didático para a construção do conhecimento histórico escolar; apreciação sobre o Livro Didático de História no

Ensino Fundamental.

Foram realizadas quatro entrevistas, visando conhecer a metodologia utilizada pelos professores no processo ensino-aprendizagem vinculado ao Livro Didático de História, à abordagem dos temas e a familiarização da pesquisadora com os entrevistados.

Na fase de pesquisa, devido ao pouco tempo que teríamos para coletar os dados, bem como o tempo disponível dos professores e à possibilidade de desencontro, trabalhamos com os diferentes instrumentos de coleta de dados de forma simultânea. Ou seja, as entrevistas foram realizadas no processo de observação das aulas. No período em que não realizávamos entrevista ou observação, dedicávamos a transcrever as informações sobre o enfoque dado ao Livro Didático de História no Ensino Fundamental, para o que foi utilizada uma ficha de anotações onde se registraram as observações e/ou comentários surgidos durante a entrevista, atentando-se para “as práticas cotidianas relativas ao ensino de História, inclusive suas manifestações fora do espaço escolar propriamente dito e suas implicações numa dimensão de longa duração” (FONSECA, 2003, p. 27).

As entrevistas foram registradas com a anuência dos professores e transcritas na íntegra pela autora, o que de certa forma, possibilitou uma imersão nos textos.

O passo seguinte constou de leitura dos registros das entrevistas visando buscar neles informações do contexto, obtendo-se as primeiras impressões com relação à mensagem dos discursos. A partir de novas leituras, um esquema provisório foi sendo elaborado, agrupando-se os conteúdos das falas que deram origem a um novo texto, um aprofundamento do material. Realizamos uma leitura para tentar apreender o conteúdo contido em cada entrevista com o objetivo de tentar captar as idéias comuns às várias entrevistas, num exercício de releitura e de

busca na compreensão das mensagens dos discursos. A organização dos depoimentos e as leituras e releituras que foram realizadas nos permitiram as informações e o surgimento dos elementos que possibilitaram identificarmos os caminhos da História ensinada com o uso do Livro Didático no Ensino Fundamental. A análise do discurso das falas e as anotações do diário de campo possibilitaram construir uma percepção da relação estabelecida pelos professores no processo de construção do conhecimento.

Os discursos dos professores foram analisados com os instrumentos da análise do discurso, definida por Bardin (1997, p. 42), como sendo:

um conjunto de técnicas de análise de comunicação, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A análise de conteúdo, enquanto meio para estudar as mensagens, destaca a linguagem escrita e oral, sendo a palavra, isto é, o discurso o elemento privilegiado para estudo, uma vez que todo discurso possui um significado, constituindo-se num dispositivo material da realidade, numa enunciação de sentido e significados, o que permitiu que pudéssemos através dele realizar este estudo.

Assim, buscamos, a partir da análise, realizar a interpretação dos discursos. Emergiram temas que formaram a base para o processo e fomos relacionando os dados com os fundamentos teóricos sobre o Livro Didático de História e sua utilização no Ensino Fundamental, numa abordagem que privilegia o aspecto qualitativo.

O diálogo que conseguimos manter com o material disponível deu origem aos textos elaborados. Tais textos são impressões que conseguimos captar acerca da realidade e que, portanto, não esgotam a riqueza do material obtido.

3.1 O Livro Didático de História na Prática Pedagógica dos Professores

Como forma de aprofundar as reflexões sobre a relação entre o Livro Didático de História e o processo de construção do conhecimento no âmbito das Escolas Públicas do Ensino Fundamental, analisamos, neste capítulo, a manifestação dos professores, procurando identificar, nas entrelinhas da História ensinada, as concepções em torno do Livro Didático que permeiam o cotidiano escolar, as atitudes dos professores diante da construção do conhecimento histórico e a relação entre ambas.

Para iniciar a discussão sobre a concepção do Livro Didático de História no cotidiano escolar e sua importância no processo de construção do conhecimento, não poderíamos deixar de expor a opinião deste professor:

O livro didático é um recurso que utilizo em grande parte nas aulas de História, pelo aspecto teórico-metodológico que apresenta... todo assunto abordado é importante para a aprendizagem. (Entrevista n° 02)

É considerável a participação do Livro Didático de História na prática pedagógica que tem como sustentação os ensinamentos veiculados pelos textos que apresentam, como se pôde perceber pelo depoimento transcrito. Nesse enfoque, os conteúdos desses manuais incorporam-se à concepção de currículo a ser seguido na seleção de conteúdos, determinando algumas ações pedagógicas, conforme depoimento deste professor:

O livro didático participa do planejamento escolar através dos assuntos que são apresentados, ele é utilizado como complemento de estudo para seguirmos os temas planejados. Recorro a outras fontes bibliográficas para reforçar o assunto. Não faço recortes dos conteúdos trazidos no livro, o que não acho importante, apenas não me estendo na explicação. (Entrevista n° 03)

Assim, o livro passa a ser não somente um recurso didático exclusivo para utilização em sala de aula, mas também passa a funcionar como referência de professores na execução do planejamento escolar. Percebe-se que a fonte de consulta utilizada pelos professores é o livro didático adotado, ou outros livros também didáticos, como pudemos ouvir deles, significando que nos livros encontram-se orientações metodológicas para o trabalho com os conteúdos e para o aproveitamento dos recursos apresentados por esse material. A postura pouco reflexiva de alguns professores em relação ao Livro Didático de História torna o processo de ensino muito limitado e demonstra uma reprodução mecanizada dos conteúdos, muito embora apareçam possibilidades de alterações sensíveis nas práticas pedagógicas cotidianas dos professores.

A fala desses professores permite-nos conduzir a uma interpretação acerca da importância de um modelo de ensino pautado na transmissão de conteúdos pré-elaborados, veiculados pelos livros didáticos. Entende-se que como recurso pedagógico, o livro proporciona ao professor utilizar-se de “uma série de técnicas de aprendizagem : exercícios, questionários, sugestões de trabalhos, enfim, as tarefas que os alunos devem desempenharem para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para a retenção dos conteúdos”. (BITTENCOURT, 2002, p. 72).

Ao reforçar o caráter exclusivista do Livro Didático de História no Ensino Fundamental, como recurso teórico-metodológico na prática pedagógica dos professores, percebe-se a possibilidade de poderem contar com um manual que oferece os procedimentos específicos na compreensão do conhecimento histórico. Assim, a recorrência às atividades sugeridas pelo Livro Didático de História torna possível trazer à tona temas do cotidiano extra-escolar, conforme declaração desse professor:

Há observações contidas no livro didático que considero importante como informações atuais, a exemplo das guerras no Oriente Médio. As atividades que os livros trazem são trabalhadas sob a interpretação textual e pesquisa em grupo, onde incentivo os alunos ao trabalharem as oficinas de História; todo conteúdo que o livro apresenta é importante à medida que esclarece aos alunos fatos do cotidiano... (Entrevista nº 04)

Situado na interface das propostas pedagógicas e da elaboração do conhecimento escolar, o Livro Didático de História constitui-se não apenas em um recurso pedagógico auxiliar do trabalho do professor, mas consolida-se como “o material didático referencial de professores, pais e alunos que o consideram referencial básico para o estudo” (BITTENCOURT, 2002, p. 71).

Essas considerações, no entanto, acerca da dimensão das formas de utilização do Livro Didático de História, enquanto recurso didático, utilizado pelas escolas, não exclui a responsabilidade do professor na escolha dos métodos e procedimentos para o processo ensino-aprendizagem. Ao professor enquanto alguém que possibilita ao aluno a construção do conhecimento, pressupõe-se que conheça os conteúdos, as práticas pedagógicas e que realize também via livro didático, incentivos ao exercício de reflexão crítica e participativa do aluno como sujeito histórico.

A partir dessas considerações, alguns questionamentos impõem-se: qual a diferença entre um historiador e um professor? Que concepção de história fundamenta a apresentação dos conteúdos no Livro Didático? Que interferência tem o Livro Didático de História no processo de construção do conhecimento? As evidências nos levam à afirmação de que o professor tem se colocado como um agente motivador na construção do conhecimento, e que se utiliza do Livro Didático de História a partir das sugestões de atividades textuais, o que tem contribuído para o aluno construir o conhecimento histórico escolar. Alguns dos professores

destacam essa afirmação, como estes:

Historiador é aquele que escreve a História, o professor é aquele que transmite aos alunos o que o historiador escreveu. Ao transferir o conhecimento apresentado pelo livro, trabalho com a interpretação dos textos onde me utilizo das atividades sugeridas no final dos conteúdos, como filmes, reportagens, e faço a análise crítica, comparações, de forma que os alunos construam sua percepção ideológica e produzem textos a partir de seu conhecimento, onde sempre discute-se com os alunos suas histórias, como a violência, a fome, de que muitos padecem. (Entrevista n° 04).

Historiador é a pessoa que faz pesquisa histórica, o professor além de educador, é alguém que divulga o que o historiador escreveu. Como educador, trabalho a maioria das atividades que vem nos livros e aproveito para levantar outras questões que surgirem no momento em que os alunos trazem experiência de vida para a escola. (Entrevista n° 1).

O conhecimento histórico que é construído na escola se dá a partir da produção textual dos conteúdos abordados no livro didático. As entrevistas que são indicadas pelo livro são trabalhadas como recurso em que os alunos fazem o paralelo do passado com o presente e com a experiência de vida deles,, demonstram as diferenças existentes com ilustrações. (Entrevista n° 02).

Estes depoimentos revelam que o desenvolvimento das atividades pedagógicas indicadas pelo livro didático torna-se viável para compreensão dos conteúdos propostos: de um lado, por considerarmos significativo para a maioria dos professores a sugestão de conteúdos selecionados e de outro, a existência de temas com fatos do cotidiano que compõem o movimento das aulas de História e por incitar os alunos a trazerem para a sala de aula suas experiências de vida.

Essa perspectiva de trazer à sala de aula a experiência de vida dos alunos e discuti-las diante dos textos estudados, remete-nos à idéia de que umas funções do ensino veiculado pelo livro didático no Ensino Fundamental, é fazer com que alunos e professores, a partir do diálogo entre passado e presente, possam problematizar a realidade em que vivem. E na verdade, "o passado humano não é uma agregação de ações separadas, mas um conjunto de comportamentos

intimamente interligados, que têm uma razão de ser, ainda que na maioria das vezes, imperceptível aos nossos olhos”. (BEZERRA, 2003, p. 47).

Dentro desse contexto, à construção do conhecimento escolar vinculado ao Livro Didático na sala de aula, incorporam-se abordagens do cotidiano do aluno, e permite-nos perceber que a experiência do professor é um aspecto fundamental nas abordagens metodológicas dos conteúdos, da mesma forma que as relações de ensino vivenciadas na escola levam ao aprimoramento de valores e atitudes imprescindíveis para o pleno exercício da cidadania, como exercício do conhecimento autônomo e crítico; respeito às diferenças culturais, evitando qualquer tipo de discriminação, valorização dos direitos conquistados pela cidadania plena.

Diante das limitações atuais da escola pública, o Livro Didático de História no Ensino Fundamental parece ser opção única dos professores ao que se refere a apoio bibliográfico e elo de ligação com o conhecimento de História ao seguirem o roteiro e as orientações metodológicas que conduzem o aluno a se sentir sujeito do processo histórico escolar, conforme expressam estes professores:

através dos textos trazidos no livro didático de História Antiga faço comparações com a História Contemporânea, ou a História atual, para que os alunos reconheçam, seus deveres e direitos no contexto estudado. (Entrevista n° 04).

As oficinas históricas indicadas nos livros permitem que os alunos através de entrevistas com pessoas idosas, conheçam hábitos e costumes do passado, e destaquem essas diferenças com ilustrações. Como vivemos no Nordeste, a questão ambiental é sempre muito discutida, a exemplo das queimadas no semi-árido, da seca, onde eles constroem sua própria concepção político-ideológica sobre esse assunto. (Entrevista n° 02).

Diante do exposto, a realidade que se tem da utilização do Livro Didático de História na fala dos professores, é de um recurso didático onde encontram-se informações precisas para a construção do conhecimento escolar. Informações

essas que podem ser identificadas com a maioria das propostas pedagógicas do ensino de História, que “visa contribuir para a formação de um cidadão crítico” em relação à sociedade em que vive. Ao se constituir no material impresso mais acessível e influente nas práticas escolares quotidianas, o Livro Didático de História enquanto recurso, permite a problematização de questões do universo extra-classe diante da diversidade teórico-metodológica apresentada ao lado dos conteúdos e contribui de forma intrinsecamente educativa na construção da identidade do aluno enquanto sujeito histórico e cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo-se que o conhecimento é dinâmico, ao mesmo tempo que necessita adaptar-se às diversas realidades e alunos (reflete-se na condição de sua produção), vemos que, muito pouco tem sido feito quando se trata de refletir sobre a circulação e as apropriações do conhecimento histórico nas escolas do Ensino Fundamental, atentando-se para as práticas cotidianas relativas ao ensino de História, inclusive suas manifestações fora do espaço escolar propriamente dito e suas implicações na construção do conhecimento histórico. O estudo aqui empreendido não se pretende acabado, há muito o que fazer a respeito da utilização do Livro Didático de História na construção do conhecimento, assim, as possibilidades de interpretação não se esgotam neste trabalho. Ao contrário, constitui-se em um espaço rico de possibilidades de novas discussões, novas perguntas e investigações, consubstanciando-se como um caminhar rumo a outras reflexões, como um desafio à construção de novos conhecimentos. Assim não apresentamos conclusões dadas pela própria amplitude dos significados que são diferenciados e no universo das concepções dos informantes seguramente estão velados, esboçamos algumas considerações possíveis, acerca do estudo realizado.

Este trabalho é resultado de uma tentativa de aprofundar a compreensão acerca da importância do Livro Didático de História indicado pelas escolas públicas, como recurso pedagógico para a construção do conhecimento histórico no cotidiano das escolas da cidade de Cajazeiras, Paraíba.

Numa primeira apreensão, podemos afirmar que é considerável a utilização do Livro Didático de História na prática pedagógica, constituindo-se em referência dos professores para a execução do planejamento escolar. Ao mesmo

posicionamento crítico sobre a realidade social, sobre o passado que deixou de ser escrito, sobre a cidade, sobre o meio ambiente.

Constatamos que, no que se refere à compreensão acerca do processo de construção do conhecimento escolar, os diferentes recortes da História feita pelos professores diante dos conteúdos estudados permitem que o aluno abra enormes horizontes que podem acolher, inicialmente, sua curiosidade, depois, sua análise e, finalmente, sua identificação como sujeito histórico. Com a visão de História voltada para o cotidiano do aluno, aliada à possibilidade de inserir novas linguagens, como algo que se manifesta, nas relações humanas, cria-se na prática pedagógica as condições para o processo de construção do conhecimento histórico, marcado pelas lacunas que ultrapassam os limites do que está escrito no livro didático.

Nesse sentido, o contexto em que se efetiva o ensino de História viabilizado pelo Livro Didático de História adotado pelas escolas públicas apresenta vinculado a determinantes sociais, políticos e culturais, diante dos conteúdos e atividades propostas, refletindo a perspectiva historiográfica contemporânea. Ao contextualizar o conhecimento histórico e a concepção de História, o professor deve levar o aluno a participar do processo do fazer, do construir a história ao questionar sua própria constituição na relação entre a educação escolar e a cidadania, nas mais diversas formas de interpretar a realidade social.

Apesar de algumas dificuldades constatadas nesta pesquisa, como a indisponibilidade de alguns professores em concederem a entrevista, a distância entre as escolas que se dispuseram a cooperar com a pesquisa, já que priorizamos àquelas que dispunham de livros para alunos e professores, é por demais salutar acreditar que é possível iniciar um debate construtivo para superarmos as falhas trazidas nos Livros Didáticos de História. Afirmar sua importância como recurso na

prática pedagógica; ampliar os conhecimentos construídos no contexto escolar e sugerir outras possibilidades de buscar um ensino de História que não se encerre nos conteúdos do índice do livro, mas também atrelando-se a temas propostos pela comunidade escolar, significa inaugurar novas perspectivas para um Ensino de História que privilegie o processo de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BEZERRA, H. G. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro. (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

BITTENCOURT, Circe. Livros didáticos entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997, v.5.

COTRIM, Gilberto. **Saber e Fazer História**. São Paulo: Saraiva, 2002, 6ª série.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da vida Privada. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DREGUER, Ricardo & TOLEDO, Eliete. **História: Cotidiano e Mentalidades**. São Paulo: Atual, 1995.

FERRO, M. **A História Vigada**. Tradução Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GOMES, Ângela Maria Castro. A reflexão teórico-metodológica dos historiadores brasileiros: contribuições para pensar a nossa história. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcelos et al. (Org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Tradução Irene Ferreira et al. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

LIMA, Idelzuite de Sousa. **Ensino de História Local e Currículo**: dizeres e práticas no fazer educativo escolar. 2000.153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000.

KARNAL, Leandro. (Org.). **História na Sala de Aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

MARQUES, Adhemar; BEIRUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **Construindo a História**. Belo Horizonte: Lê, 1988.

OLIVEIRA, J. B. A. et al. A Política do livro didático. In: FREITAG, B. et al. **O livro didático em questão**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O Direito ao Passado** (Uma discussão necessária à formação do profissional de História). 2003. 429 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

PILETTI, Claudino; PILETTI, Nelson. **História & Vida Integrada**. São Paulo: Ática, 2002. 5ª, 7ª e 8ª séries.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Marcos A. da. **História**: o prazer em ensino e pesquisa: São Paulo: Brasiliense, 1995.

STONE, Laurence. O ressurgimento da Narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. Trad. Denize Bottmann. In: **Revista de História**, Campinas, Unicamp: IFCH, n. 2 e 3, p. 13-37. 1991.

SOUZA, José Wanderley A. de. **Se não me falhar a memória**: o discurso da história cotidiana nas lembranças de velhos. 2003. 282 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa e Lingüística) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo, 2003.

WASSER, Claudia. O livro didático: aspectos teórico metodológicos relevantes na sua produção. In: GUAZELLI, César Augusto Barcelos et al. (Org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora Universitária/UFRGS, 2000.

VIEIRA, M. P. A. et al. **Pesquisa em História**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ZARTH, Paulo Afonso. Ensino de História, participação da comunidade e cultura Histórica. In: **SAECULUM**, Revista de História, João Pessoa: Editora Universitária n. 6/17, p. 49-56, jan./dez. 2000/2001., 2002.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA REALIZADA COM OS PROFESSORES

1. Existem diferenças entre historiador e professor?
2. Como é abordado o Livro Didático nas situações de ensino?
3. Qual a perspectiva de História fundamenta a apresentação dos conteúdos e atividades do Livro Didático?
4. Como o saber dos alunos é levado em conta diante do uso do livro didático?
5. De que forma as experiências de vida do aluno são trazidas as discussões diante dos textos apresentados pelo livro didático de História?
6. De que forma as atividades sugeridas no livro são trabalhadas na sala-de-aula?
7. De que forma os textos trazidos nos livros se aproximam da realidade do aluno; como contribui para a construção da cidadania?
8. O que você não considera no livro para a aprendizagem do aluno; você ignora-o?
9. O que você considera como um livro crítico?
10. Você recorre a outros recursos didáticos para a aprendizagem do aluno?
11. Os alunos são incitados a fazerem discussões diante dos textos apresentados no livro didático?
12. Você leva em conta alguma observação trazida no livro didático (sugestões) para a apreensão do conhecimento histórico?